

NÃO EXISTE “JOGAR LIXO FORA”: PERCEPÇÃO HUMANA SOBRE RESÍDUOS EM UM CAMPUS UNIVERSITÁRIO URBANO

Ana Paula Lopes dos Santos¹

Liorno Antunes Werneck²

Dalva Moraes Pinheiro³

Marcella Sales Moreira⁴

Educação Ambiental

Resumo

A diminuição das verbas para as universidades federais afetou a prestação de diversos serviços nos Campi, entre os quais o destinado a área externa. Como consequência, os resíduos espalhados trouxeram incômodos, percebidos em conversas e postagens nas redes sociais. Diante disso, o Programa de Extensão Vida no Campus-UFF, que atua há 22 anos com ações de educação ambiental, averiguou junto a comunidade suas compreensões sobre o problema dos resíduos sólidos e potenciais veículos de doenças. Este trabalho objetivou levantar percepções, reflexões e sugestões sobre as formas adequadas de manejo dos resíduos sólidos num campus universitário. Tendo como base a ideia de que não existe “jogar lixo fora” e as conceituações trazidas pela lei 12.305/2010 (Política Nacional de Resíduos Sólidos) desenvolvemos um levantamento, durante o 1º semestre de 2019. Para tal, elaboramos um questionário contendo 5 perguntas, aplicado a 50 frequentadores, abordados aleatoriamente, de modo a abranger o território do campus universitário do Gragoatá, em Niterói-RJ. Como resultado, ficou evidente o incômodo com os resíduos espalhados e com o excesso do consumo de descartáveis. Minicursos, projetos e disciplinas voltados para a educação ambiental estão entre as sugestões obtidas, que possuem uma aplicação prática e possibilitam pesquisas e envolvimento acadêmico. A melhoria na comunicação e as redes sociais são recursos apontados como imediatos e de baixo custo. Em suma, os resultados reiteram a importância de projetos de educação ambiental, como o Vida no Campus-UFF e justificam a necessidade de atuação para a promoção da interação humano-ambiental.

Palavras-chave: conservação de ambientes; resíduos sólidos; comportamento de consumo; educação ambiental.

¹ Prof. Dra. da Universidade Federal Fluminense; Instituto de Psicologia, anapaulalopes.uff@gmail.com.

² Gestor Ambiental da Universidade Federal Fluminense; Instituto de Psicologia, vidanocampus.uff@gmail.com

³ Prof. Esp. da Universidade Federal Fluminense; Instituto de Psicologia, pinheiro.rio@gmail.com

⁴ Discente de Psicologia, Universidade Federal Fluminense; Instituto de Psicologia, marcellasmoreira39@gmail.com

INTRODUÇÃO

A atual política federal de diminuição de verbas para as universidades afetou a prestação de vários serviços nessas instituições, entre eles o de poda, limpeza e manutenção da área externa dos campi. Tal fato criou uma situação de grande incômodo, e alto risco a saúde, através do estado de abandono, resíduos espalhados e a falta de coleta seletiva. Essa situação se deve, em grande parte, a saída das firmas terceirizadas prestadoras de serviços. Mas o problema tem origem também na percepção humana sobre resíduos sólidos que, arraigada a conceitos e visões antiquadas e equivocadas, mantêm viva práticas como “jogar lixo fora”. A própria afirmação “jogar lixo fora” já carrega em si problemas a serem superados: a ideia de jogar fora, este senso de que existe realmente algum “fora” (do ambiente) onde algo desprezível deve ser jogado e a concepção de que há um lixo/lixreira presente no “fora”, onde se deve jogar algo menosprezado também chamado de lixo. Algumas questões fundamentais permanecem: “será possível as pessoas (especialmente em um campus universitário) abandonarem definitivamente o uso dessa expressão “jogar lixo fora”? Substituindo esta, seria possível usar a expressão “colocar os resíduos nos coletores”? Uma vez que a expressão “resíduos nos coletores” favorece a ideia/prática da coleta seletiva? Este trabalho objetivou levantar percepções, reflexões e sugestões sobre formas adequadas de manejo dos resíduos sólidos num campus universitário, em um momento de crise de recursos financeiros. Essas reflexões e sugestões servirão para orientação a elaboração de ações educativas, podendo ser direcionadas para uso diário em ambientes domésticos. Outro objetivo foi a reflexão sobre a importância da diminuição do consumo de produtos descartáveis, em razão do seu caráter poluidor e ameaçador para a saúde humana e ambiental. Tendo como base as novas conceituações trazidas pela lei 12.305/2010 (Política Nacional de Resíduos Sólidos) foi desenvolvido um levantamento, pela equipe do Programa de Extensão Vida no Campus-UFF, com frequentadores do Campus Gragoatá, em Niterói-RJ, durante o 1º semestre de 2019. Os resultados apresentados adiante servirão também para equalizar o trabalho extensionista do Programa e as demandas, advindas da comunidade, podem subsidiar políticas e decisões universitárias mais amplas.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado a partir da aplicação de questionários contendo 5 perguntas (4 objetivas e 1 discursiva) a 50 frequentadores, abordados aleatoriamente, no campus universitário da UFF, no Gragoatá, em Niterói-RJ. Procurou-se compreender a percepção e pensamento desses frequentadores sobre o problema da presença de resíduos espalhados na área aberta do Campus e, ainda, seu conhecimento sobre a relação entre comportamentos de consumo, geração e presença de resíduos no ambiente. A 5ª e última questão, solicitava resposta discursiva e pedia explicitamente ao entrevistado que sugerisse soluções para o problema dos resíduos espalhados no local. A área geográfica do campus foi dividida em 5 partes, visando que a coleta de dados fosse espacialmente representativa de todo território. A enquete do levantamento da percepção dos usuários foi realizada fisicamente por voluntários do Programa. Os dados foram obtidos durante o primeiro semestre letivo de 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na 1ª questão da enquete foi solicitada a resposta do nível de incômodo pessoal dos resíduos espalhados. Dos dados obtidos, ressaltou-se o alto nível de incômodo com os resíduos espalhados relatado pelos frequentadores, 68% dos participantes relataram muito ou extremo incômodo. A questão 2 propõe reflexão e também foi alto (76%) o número de frequentadores que declararam perceber que a palavra lixo é inútil e deve ser substituída por resíduos sólidos.

A 3ª questão foi dividida em duas partes, permitindo uma análise mais consistente em relação ao problema do consumo de descartáveis. A primeira em relação aos impactos no ambiente e saúde e na segunda sobre a diminuição ou redução do consumo de descartáveis. Os resultados mostram um equilíbrio entre o número de frequentadores que afirmaram pensar no impacto que descartáveis tem na saúde/ambiente e os que afirmaram pensar em reduzir/substituir o uso de descartáveis. Os dados da segunda parte da questão mostram uma ampliação do número de frequentadores que afirmam quase nunca

pensarem em reduzir/substituir o consumo de descartáveis, isso pode ter relação com dificuldades em mudar hábitos.

Destaca-se na análise que houve incompatibilidade entre o alto nível de incômodo, manifestado através das respostas a 1ª questão, e a baixa compreensão sobre a atual urgência da separação de resíduos manifestada, que a 4ª questão se propôs a averiguar. Esse resultado se mostra incompatível com a necessidade de solucionarmos o incômodo gerado pelo problema dos resíduos espalhados, uma vez que a baixa compreensão dos frequentadores os induz a passividade e a não reivindicar, com urgência, a separação, o tratamento e a destinação corretos.

Na 5ª e última questão o entrevistado expõe sua percepção do problema e se vê confrontado com a necessidade de resolvê-lo, mesmo que de forma descompromissada e/ou fragmentária. É possível antever, parcialmente, qual a relação que o mesmo tem com o problema. Algumas das respostas sugerem que o problema seja aproveitado como objeto de estudos e intervenções por parte de professores e alunos, da própria instituição, organizados em projetos, disciplinas e outras atividades acadêmicas relacionadas. Não há grande surpresa quanto as sugestões mais mencionadas, posto que são intuitivas e básicas para a solução. Destacam-se duas sugestões pouco citadas: “extinção das lixeiras comuns” é de difícil realização posto que não existe ainda um previsão de implantação da coleta seletiva. E “criação de mídia/redes sociais para informar sobre o assunto” é uma sugestão de fácil implementação e manutenção e que atinge maior número de frequentadores.

Dos resultados da enquete extraiu-se significativas informações que, associadas a experiência acumulada em intervenções anteriores pela equipe da pesquisa, confirmam a validade de seu uso como norteadoras de futuras intervenções, permitindo ainda a escolha de estratégias de Educação Ambiental adequadas ao encaminhamento de soluções para cada principal fator gerador de resíduos espalhados.

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ações humanas interferem diretamente no ambiente. Elas são influenciadas por pensamentos, hábitos e o comportamento em geral. A medida que a degradação ambiental se alastra, devido a falta de cuidado, torna-se urgente mudanças no processo educativo visando comportamentos favoráveis e sustentáveis a saúde humana e ambiental. Muitas das sugestões obtidas na enquete possuem uma aplicação prática, e algumas já foram implantadas (os minicursos e placas de orientação). A sugestão de extinção das lixeiras comuns não pode ser aplicada, momentaneamente, isso levaria a ampliação dos resíduos espalhados pelo campus, o que é contrário às nossas necessidades. A sugestão “implementação de projetos voltados a problemas ambientais” amplia possibilidade de pesquisas e geração de propostas de solução pelos alunos, criando uma cultura de participação e co-responsabilidade pelo campus. Ela reforça a necessidade da existência de projetos e programas, como o Vida no Campus, pois efetivamente atuarão para a qualidade ambiental local.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 12.305, de 02 de agosto de 2010.** Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2010.
- DIAS, G. F. **Educação Ambiental, princípios e prática.** São Paulo, Gaia, 2000.
- GUATTARI, F. **As Três Ecologias.** Campinas, Papirus, 1989.
- PATO, C. **Compartamento ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais.** Tese (doutorado em Psicologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2004.
- PATO, C. M. L.; CAMPOS, C. B. Comportamento ecológico. In. CAVALCANTE, S.; ELALI, G. **Temas básicos em psicologia ambiental.** Petrópolis, Vozes, 2011.
- WERNECK, L.; PINHEIRO, D.; et al. Reciclagem, Coleta Seletiva e Formação de Agentes Ambientais para uma Nova Visão Tecnológica do Resíduo como Recurso. Poços de Caldas, **Anais do IX CNMA**, 2012